Historia do califa Cegonha

Porto

1887

Title : Historia do califa Cegonha.
Imprint : Porto : Cruz Coutinho, 1887.
Format : 8 p. ; 23 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

LIVRARIA DO POVO
N.º 23.

HISTORIA
DO
CALIFA CEGONHA.



PORTO.
LIVRARIA = *CRUZ COUTINHO* = EDITORA.
18 — Rua dos Caldeireiros — 20.

1887.

HISTORIA DO CALIFA CEGONHA.

I

Por uma bella tarde de verão, estava o califa de Bagdad, Chasid, preguiçosamente estendido no seu sophá; dormira um pouco porque o calor era intenso e chamava o corpo ao repouso, e acordara depois, de muito bons humores.

Fumava n'um comprido cachimbo de paurosa, bebendo a intervallos algumas gottas de excellente café que lhe deitava um escravo, e saboreando lentamente cada gole, acariciava com modos de satisfeito, a longa barba magnifica. Via-se bem que o califa, n'aquelle dia, estava *de maré,* como se costuma dizer.

N'aquellas occasiões Sua Alteza era muito accessivel, e dignava-se até mostrar-se affavel e benevolo para com os simples mortaes que tinham de fallar com elle. O gran-vizir Manzur, que aproveitava sempre esta hora para fazer a sua visita quotidiana, n'aquelle dia, como de costume, apresentou-se no palacio, mas, coisa rara n'elle, vinha com ar pensativo e preoccupado.

—Olá! ó gran-vizir, onde foste tu arranjar essa cara?! exclamou o califa admirado, tirando por um instante dos labios, a boquilha de ambar do seu cachimbo.

—Senhor, respondeu o gran-vizir cruzando os braços no peito e inclinando-se profundamente, ignoro se o meu rosto trahe os secretos pensamentos da minha alma, mas ao entrar aqui vi um judeu que trazia tão bellas cousas que, confesso-o, me desesperei por não ter agora dinheiro de mais.

O califa que procurava desde muito uma occasião de ser agradavel ao seu gran-vizir, pelo qual tinha verdadeira affeição, fez signal a um escravo negro para ir chamar o mercador o qual appareceu quasi immediatamente.

Era um homem baixo, moreno, de nariz delgado e adunco, labios arregaçados á direita e á esquerda por dous dentes amarellecidos, os unicos que lhe restavam. Os seus olhinhos verdes, parecidos com os d'um aspide, chammejavam sob as sobrancelhas ruivas. Logo que appareceu ante o califa, curvou-se até tocar quasi o pavimento com a cabeça, e avançou como que rojando-se, com as feições contrahidas a pretexto de se sorrir, pela mais horrenda carantonha que se tem visto em rosto humano. Trazia deante de si, sustentada por uma correia que se apoiava nos hombros arqueados, uma caixa de sandalo na qual estavam amontoadas todas as especies de mercadorias preciosas que a sua mão negra e cabelluda fazia passar deante dos olhos dos compradores com a astucia commercial d'um verdadeiro filho de Judá.

Eram perolas d'Ophir enriquecendo brincos, anneis d'ouro com brilhantes que custava olhar para elles, tanto brilhavam; pistolas ricamente embutidas, taças d'onix, pentes de marfim incrustados d'ouro, e mil outros objectos não menos raros, nem menos invejaveis. Depois de ter passado tudo em revista, o califa comprou para Manzur e para si, magnificas pistolas, e para a mulher do vizir, um pente de prata cinzelada, encarecido por uma corôa de perolas finas que faziam d'elle a cousa mais rica e bella do mundo.

Quando o mercador ia a fechar o cofre, o califa que não podia tirar os olhos d'elle, reparou n'uma pequena gaveta, a unica que não tinha sido aberta, e perguntou se alli havia mais algumas joias. O negociante abriu o compartimento que lhe designava o califa e tirou uma especie de caixa de rapé contendo um pó escuro coberto com um papel cheio de caracteres singulares, que nem Chasid nem Manzur poderam decifrar.

—Esta caixa, disse o mercador, obtive-a d'um negociante que a encontrou no caminho quando ia para Mecca. Ignoro o que é, mas

ponho-a á disposição de Vossa Alteza se a deseja, porque eu não sei o que hei de fazer d'ella.

O califa, embora muito ignorante, amontoava nos armarios da sua bibliotheca toda a especie de curiosidades e pergaminhos velhos. Comprou pois a caixa e o manuscripto, e despediu o mercador, que sahiu, recuando e inclinando-se não menos profundamente do que quando entrára.

Chasid olhava muito saptisfeito para a sua acquisição, mas não sem desejar saber o que significava o escripto que elle virava e revirava entre os dedos.

—Não conheces ninguem que possa lêr isto? disse elle afinal ao vizir.

—Meu senhor, respondeu este, junto da grande mesquita ha um homem a quem chamam Selim, o Sabio. Elle comprehende, segundo dizem, todas as linguas. Mande Vossa Alteza chamal-o que talvez possa explicar esses caracteres mysteriosos.

Foram mandados immediatamente dous escravos á procura de Selim, o Sabio, com ordem de o trazer ao palacio.

—Selim, disse-lhe o califa logo que elle entrou, affirmam que és muito versado no conhecimento das linguas. Examina este escripto e vê se o podes lêr. Dar-te-hei uma roupa nova se conseguires explicar-me o que se acha ahi traçado. No caso contrario applicar-te-hão doze bofetões, e mais vinte e cinco bastonadas na planta dos pés, por teres usurpado o glorioso nome de Sabio.

Selim inclinou-se e respondeu:

—Faça-se a tua vontade, Senhor.

Depois poz-se a estudar attentamente o escripto que lhe era submettido. De repente exclamou:

—Enforcado seja eu, se isto não é latim!

—Que seja latim ou que seja grego, pouco importa, o que quero é que nos digas depressa o que isso significa.

Selim apressou-se a traduzir e eis o que elle leu:

«Quem quer que tu sejas que encontrares este objecto, agradece a Allah o favor que elle se digna conceder-te. Aquelle que tomar uma pitada do pó contido n'esta caixa, e disser ao mesmo tempo: Mutabor, poderá metamorphosear-se á sua vontade em tal ou qual animal, e comprehenderá tambem as ideias que trocam os animaes na sua linguagem. Se quizer voltar de novo á fórma humana, deve inclinar-se trez vezes para o Oriente, pronunciando a mesma palavra, e o encanto desfazer-se-ha. Livra-te sómente, oh tu que tentares a experiencia, de te rires emquanto estiveres metamorphoseado, porque se assim fizeres a palavra magica fugirá inevitavelmente da tua memoria e ficarás condemnado a continuar na familia dos irracionaes, em que te tiveres transformado.»

Á medida que Selim o Sabio avançava na traducção do papel cabalistico, o califa sentia crescer n'elle uma alegria que mal podia conter. Depois de ter feito jurar ao Sabio que não revelaria a pessoa alguma o segredo de que ficava em posse, mandou-o embora não sem lhe ter feito envergar uma magnifica veste de sêda, que muito serviu para augmentar a consideração de que Selim gozava já em Bagdad.

Apenas elle sahiu, o califa entregando-se á sua alegria, exclamou:

—Ora aqui está o que se chama um bello negocio. Que prazer, meu caro Manzur, a gente poder mudar-se em animal! Ámanhã pela manhã vem procurar-me; iremos juntos ao campo, tiraremos uma pitada da preciosa caixa, e comprehenderemos então o que se diz e o que se canta, se cocicha e se murmura no ar e na agua, na floresta e na planicie.

II

Nunca uma noite pareceu tão longa ao impaciente califa, como aquella. Afinal o sol appareceu, e immediatamente com grande admiração dos seus escravos, Chasid ergueu-se. Tivera sómente tempo para almoçar, quando o gran-vizir se apresentou diante d'elle, como recebera ordem, afim de o acompanhar no seu passeio.

Sem mais demora, o califa metteu no cinto a caixa magica, e tomando o braço do gran-vizir, depois de ordenar ao seu sequito que ficasse para traz, principiou na companhia do fiel Manzur, a aventurosa expedição.

Passeiaram ao principio atravez dos vastos jardins do palacio sem que podéssem encontrar um unico sêr vivo no qual experimentassem a sua magia. Finalmente o gran-vizir propoz para irem mais longe, até junto do lago onde vira muitas vezes diversos animaes, e particularmente umas cegonhas cujos modos graves e grasnidos singulares lhe tinham sempre chamado a attenção.

O califa approvou logo a proposta do gran-vizir e dirigiu-se com elle para o logar indicado. Apenas chegaram ao lago, viram os nossos dous amigos uma cegonha velha que passeiava sizudamente de cá para lá e de lá para cá, caçando rãs e resmungando não sei quê pelo seu comprido bico, e quasi ao mesmo tempo, descobriram no ar, a grande altura, outra das mesmas aves cujo vôo parecia encaminhado para o lado d'elles.

—Aposto á minha barba, disse o vizir, em como estas duas aves vão travar bella palestra. E se nós nos transformassemos em cegonhas?... Que lhe parece?

—Seja, respondeu o califa, mas antes de tudo fixemos bem na memoria como se torna a ser homem.

—Nada mais facil, redarguiu o vizir todo desembaraçado: inclinamo-nos trez vezes para o Oriente e dizemos: Mutabor...

—E eu torno a ser califa e tu gran-vizir, disse Chasid; mas não vale rir, em nome do céo, senão estamos perdidos.

Emquanto assim fallava, o califa notou distinctamente pairando acima da sua cabeça, e descendo com lentidão para terra, a cegonha que lhe apparecêra antes como um ponto negro perdido no espaço. Incapaz de resistir por mais tempo á tentação, tirou a caixa do cinto, tomou uma boa pitada, apresentou-a depois ao vizir que fez o mesmo, e ambos exclamaram: Mutabor.

Apenas tinha sido pronunciada a palavra magica, quando as pernas dos dous se encolheram e tornaram delgadas e vermelhas. No mesmo instante as bellas chinelas amarellas do califa, e as do companheiro, desappareceram para dar logar a horrorosos pés de cegonha; os braços transformaram-se em azas, o pescoço dos dous cresceu mais de tres palmos acima dos hombros, e para completar a metamorphose, a barba sumiu-se e os corpos de ambos se cobriram d'uma pennugem macia.

—Que magnifico bico tu avezas, gran-vizir! exclamou o califa passado o primeiro momento de admiração: pela barba do Propheta confesso que nunca vi cousa semelhante.

—Muito obrigado, respondeu o gran-vizir dobrando o pescoção; mas, se me dá licença, affirmarei por minha vez que Vossa Alteza me parece ter ainda melhor cara em cegonha do que em califa.

—Lisongeiro! redarguiu o califa. A metamorphose só te mudou o corpo.

—Não, protestou o gran-vizir, em boa consciencia não disse mais que a verdade pura. Mas, se é do seu agrado, approximemo-nos das nossas camaradas, e vejamos afinal se realmente poderemos fallar de cegonhas.

A este tempo já a cegonha que antes pairava nos ares, tinha pousado em terra. Depois de limpar cuidadosamente as patas, e de alizar as pennas com o bico, dirigiu-se para a cegonha que andava atarefada em agarrar rãs. O califa e o gran-vizir apressaram-se em reunir-se ás duas, e deixo calcular ao leitor a admiração d'elles, ao ouvir o dialogo seguinte:

—Bom dia, snr.ª Pernas Compridas; tão cedo e já por aqui?

—Ora viva, querida Bello-Bico! vim pescar e já apanhei um almoço que terei muito gosto em repartir comsigo. Serve-se d'um pedaço de lagarto, ou d'uma perna de rã?

—Muito obrigada, não tenho appetite. Trouxe-me aqui outro motivo: devo dansar esta noite n'um baile que dá meu pae, e queria exercitar-me um pouco, ás occultas.

Fallando assim, a joven cegonha começara a saltitar, descrevendo na planicie as figuras mais ratonas. O califa e o gran-vizir olhavam pasmados para tudo aquillo, com os olhos arregalados e o enorme bico escancarado e sem conseguir fugir á admiração. Mas quando a dansarina, para fazer o ultimo passo da dansa se firmou n'uma só pata, em posição de sylphide, com o corpo inclinado e batendo docemente as azas, não poderam conter-se por mais tempo: soltaram uma gargalhada tão poderosa, tão irresistivel que lhes levou tempo a moderal-a.

Foi o califa o primeiro que conseguiu conter-se.

—Ora a fallar a verdade, exclamou elle, nunca vi coisa tão pandega. Pena foi que o nosso riso assustasse esses animalejos, alias estou certo de que, para rematar a peça ainda se punham a cantar.

Mas então veio ao pensamento do gran-vizir, que o riso lhes era prohibido durante a metamorphose, sob pena de não voltarem ao estado primitivo; e essa recordação apagou-lhe a hilaridade. O vizir participou as suas inquietações ao califa.

—Com mil raios! bradou Chasid, por Meca e Medina! só me faltava agora ficar cegonha! Olha se te lembras do que é preciso fazer para tornarmos ao estado de homens; eu é que já não me recordo de nada.

—Devemos inclinar-nos trez vezes para o

Oriente, respondeu prompto o vizir, e pronunciar ao mesmo tempo Mu... Mu... Mu... ó maldita palavra! Mas vamos a vêr; póde ser que inclinando-nos primeiramente nos occorra depois essa palavra que nos esquece agora.

E ahi se pozeram os nossos dois cegonhas a fazer mesuras ao sol e a inclinar-se tanto que os longos bicos riscaram o sólo! Mas, oh desespero! a palavra magica fugira-lhes da memoria. Em vão o califa se inclinava e tornava a inclinar; inutilmente Manzur se estafava a berrar Mu... Mu... Mu... Ambos tinham esquecido as ultimas syllabas.

E eis como o pobre Chasid e o seu desventurado vizir ficaram transformados em cegonhas e todos pennugentos, por muito mais tempo do que tinham na vontade e na ideia.

III

Os dous encantados erravam tristemente pelos campos, com o cerebro gasto pelos esforços que faziam para quebrar o encanto que os tinha captivos, e não sabendo a que se resolver na sua desgraça. Sahirem da pelle de cegonha era coisa em que nem deviam pensar! Lembrou-lhes mais d'uma vez, voltar á cidade, e procurar fazerem-se reconhecer; mas quem ia lá acreditar que uma miseravel cegonha era nem mais nem menos que o califa Chasid? E depois, admittindo mesmo que os acreditassem, os habitantes de Bagdad consentiriam em deixar-se governar por um principe de figura tão exquisita?

Vaguearam assim alguns dias alimentando-se parcamente de fructos que com grande custo enguliam. Os lagartos e rãs com que se deleitavam as suas companheiras para elles não eram grande tentação; o unico prazer que lhes restava em tão triste situação, era a faculdade de voar, que, a fallar a verdade lhes tinha custado mui cara.

De vez em quando voavam para os telhados elevados de Bagdad, afim de verem o que se passava na cidade. A primeira vez que para alli foram, a população espalhada pelas ruas, offereceu-lhes o espectaculo d'uma grande inquietação junta a uma verdadeira tristeza: aquillo cortava o coração do pobre vizir. Mas quatro dias depois da sua metamorphose, as nossas duas cegonhas empoleiraram-se no palacio imperial e viram um magnifico cortejo percorrer as ruas da cidade, ao som de trombetas e tambores.

Montado n'um cavallo esplendidamente ajaezado, que Chasid reconheceu sob as gualdrapas de velludo ser o seu melhor cavallo, um homem revestido d'um manto escarlate bordado a ouro avançava triumphalmente, no meio de soldadesca de vistosos uniformes. E metade da população de Bagdad saltava em redor d'elle, gritando: «Salvè Mizra! Salvè senhor de Bagdad!»

N'este momento, as duas cegonhas que estavam empoleiradas no telhado do palacio olharam-se surprehendidas, e Chasid disse:

— Comprehendes agora d'onde vem a nossa metamorphose, gran-vizir? Esse Mizra é o filho do meu mortal inimigo, do poderoso encantador Kaschnur, que me jurou n'uma hora funesta, um odio implacavel. Mas não perdi ainda toda a esperança; vamos ao tumulo do propheta e talvez a influencia do logar santo consiga romper o encanto.

As duas cegonhas deixaram o telhado do palacio e dirigiram-se para os lados de Medina. As pobresitas faziam quanto n'ellas cabia, para regular o vôo uma pela outra, mas não o conseguiam por terem ainda pouca pratica de voar.

— Senhor, suspirou o gran-vizir ao fim de duas horas, perdoe-me Vossa Alteza, mas eu já não posso commigo. Vossa Alteza vôa muito rapidamente para eu o poder acompanhar. Além d'isso já é bastante tarde e seria prudente procurar um abrigo onde passar a noite.

Chasid era bom principe; escutou com complacencia a supplica do gran-vizir, e immediatamente dirigiu o vôo para uma especie de ruinas que acabara de descobrir ao fundo do valle.

O logar onde as nossas duas aves pousaram parecia ter sido occupado outr'ora por um vasto castello. Altas e bellas columnas que surgiam aqui e acolá por entre os montões de escombros, e diversas salas ainda bem conservadas, testemunhavam a antiga magnificencia do edificio.

Chasid e o seu companheiro erravam havia muito através d'um labyrintho d'immensos corredores, procurando logar commodo para descançarem quando subitamente a cegonha Manzur parou, como petrificada:

— Senhor, murmurou o vizir com voz sumida, se não fosse muito para estranhar n'um primeiro ministro e ainda mais n'uma cegonha o medo de phantasmas, confessaria que me

sinto devéras impressionado: ouvi suspirar e gemer perto d'aqui!

O califa parou para melhor escutar, e ouviu como um soluço abafado e muito leve.

Cheio d'anciedade, quiz caminhar para o sitio d'onde partiam esses sons lastimosos, mas o prudente vizir, agarrando com o bico a extremidade da aza do principe, pediu-lhe com instancia para não se precipitar em perigos novos e desconhecidos. Trabalho inutil! O califa, que tinha um coração valente sob a plumagem de cegonha, arrancou-se do bico do vizir, e sem hesitar partiu de cabeça baixa por um corredor sombrio..

Não tardou a encontrar uma porta que parecia simplesmente encostada, e através da qual lhe chegaram mais distinctos, suspiros e gemidos repetidos. Chasid continuou a avançar resolutamente, mas apenas entreabriu a porta, a surpreza deteve-o no limiar.

N'uma sala em ruinas e illuminada escassamente pela claridade que passava por uma pequena janella gradeada, acabava de vêr retirada no canto mais sombrio, uma enorme coruja.

Abundantes lagrimas lhe rolavam dos olhos amarellos, e suspiros abafados se escapavam do seu bico encurvado.

Comtudo, e apezar da dôr que parecia despedaçal-a, ella não pôde conter um grito d'alegria, vendo o califa e o seu companheiro, que sempre se resolvera a seguil-o.

Enxugou, não sem graça, com as suas azas mosqueadas d'escuro, as lagrimas que lhe enchiam os olhos, e, com grande admiração dos dous aventureiros, exclamou em bom arabe:

—Sejam bemvindas, queridas aves! são um agradavel presagio da minha proxima libertação porque me predisseram um dia que as cegonhas me fariam feliz.

Quando o califa voltou a si da surpreza que lhe causara aquella apparição singular, inclinou-se galantemente em toda a extensão do seu pescoço, e collocando-se nas pernas compridissimas o melhor que pôde, respondeu:

—Senhora coruja, segundo as suas palavras, creio não me enganar vendo em si uma pessoa cujos infortunios parecem ter muita analogia com os nossos. Mas infelizmente a esperança que alimenta de obter por nós a sua liberdade, parece-me vã, e poderá em breve conhecer a extensão da nossa desgraça se se dignar ouvir a nossa historia.

Como a coruja pedisse delicadamente, que lhe narrasse essa historia, o califa que tinha suas pretensões de bom narrador, relatou os infortunios que já conhecemos.

IV

Quando o califa acabou de contar as suas aventuras, a coruja agradeceu-lhe a sua attenção e disse-lhe:

—Escute tambem a minha historia, e diga se a minha desgraça não é, pelo menos, egual á sua:

«Meu pae é um dos mais poderosos reis das Indias, e a mim, sua filha unica, chamavam em outro tempo a princeza Luzá. Esse mesmo encantador Kaschnur que os metamorphoseou, contando com o terror que inspira geralmente a sua sciencia diabolica, ousou um dia apresentar-se a meu pae, e pedir-me em casamento para o seu filho Mizra. Indignado com tanta audacia da parte d'um vil saltimbanco, meu pae mandou precipitar o insolente do alto da escadaria do palacio. Kaschnur, escapou-se, jurando vingar-se.

«Pouco tempo depois o miseravel, que tem artes de mudar de figura á sua vontade, conseguiu metter-se entre as pessoas que me serviam, e como eu, ao passear uma noite nos meus jardins, manifestasse o desejo de tomar um refresco, elle, disfarçado em escravo, apresentou-me não sei que beberagem que immediatamente operou esta horrorosa metamorphose em que me vêdes. Desmaiei. Quando voltei a mim, encontrei-me n'este pardieiro e ouvi a terrivel voz do encantador gritar-me:

—Ficarás aqui até ao fim dos teus dias, desfigurada, horrenda. E só tornarás a ser a bella princeza que foste, se houver um sêr que, de livre vontade e apezar do teu aspecto repugnante, consinta em tomar-te por esposa. É assim que me vingo de ti e do teu orgulhoso pae!»

«Passaram-se muitos mezes, e eu, triste victima d'um magico infame, fiquei perdida n'estas ruinas, e sendo objecto de aversão para tudo o que respira. Se ao menos podésse gozar do espectaculo da bella natureza! Mas não! sou cega durante o dia, é só quando a lua derrama sobre a terra a sua luz pallida, é que os meus olhos se livram do véo espesso que os cobre.»

A coruja acabara de fallar, e tentava de novo enxugar os olhos, com a extremidade das azas, porque a narração dos seus infortunios, reabri-

-lhe a fonte das lagrimas. Emquanto ella fallava, o califa cahira n'uma meditação profunda.

—Se me não engano, disse elle, existe entre as nossas desgraças um laço commum com o qual não atino bem.

—Senhor, respondeu a coruja, tinha o mesmo pensamento. Disse-lhe já que uma feiticeira me predisse que uma cegonha me faria um dia feliz. Pois creio ter um fio que nos deve ajudar a sahir d'este infernal labyrintho.

—Explique-se, disse o califa com anciedade.

—O encantador que causou a nossa perda, replicou ella, vem uma vez todos os mezes a estas ruinas. Não longe d'aqui ha uma vasta sala onde elle e os seus amigos se reunem para as suas orgias nocturnas. Espiei-os muitas vezes; elles contam todas as infamias que praticaram. Póde acontecer, que n'esses momentos Kaschnur deixe escapar a palavra que o senhor esqueceu.

—Oh! queridissima princeza, exclamou o califa, diga-nos depressa, quando virá elle? Onde está a sala em que fallou?

A cegonha esteve silenciosa um momento e depois respondeu:

—Peço-lhe que não leve a mal que antes de o auxiliar na obra da sua libertação, eu estabelecer uma condição.

—Falle! falle! exclamou o impaciente Chasid. Farei tudo o que desejar.

—Posso tambem adquirir a liberdade, suspirou a cegonha; mas isso só acontecerá, acrescentou ella baixando pudicamente os seus grandes olhos amarellos, se algum dos senhores me offerecer a sua mão.

A proposta pareceu atrapalhar fortemente as duas cegonhas; e o califa puxando pela aza do gran-vizir, chamou-o um pouco á parte.

—Gran-vizir, disse-lhe elle, estamos n'uma situação intrincada, mas espero da tua provada dedicação que nos tirarás do embaraço.

—Isso sim! era o que me faltava! Para a minha querida mulher me tirar os olhos quando eu voltasse para casa. Mesmo, considere Vossa Alteza que eu sou um velho, emquanto que Vossa Alteza está no verdor dos annos e solteiro, devendo por conseguinte agradar mais a uma princeza nova e bonita.

—Pois ahi é que bate o ponto! murmurou o califa. Tu sabes lá se ella é nova e bonita? Não que eu não estou para levar gato por lebre.

As duas cegonhas questionaram ainda por algum tempo; afinal, o califa vendo que o gran-vizir preferia ficar eternamente cegonha do que casar com a coruja, decidiu-se elle a cumprir a condição exigida.

No transporte de alegria que lhe causou aquella resolução, confessava a coruja que elles não podiam ter vindo mais a proposito, visto que o feiticeiro e os seus amigos deviam reunir-se alli n'aquella mesma noite.

Sahindo da sala onde se achava, a coruja guiou as duas cegonhas ao local onde se devia decidir a sua sorte. Depois de ter seguido durante alguns minutos um extenso corredor, appareceu-lhes subitamente um clarão brilhante através d'uma parede esburacada. A coruja recommendou então aos nossos dous amigos que se conservassem em silencio absoluto, e todos continuaram a avançar com precaução até á brecha por onde se filtrava a luz, e que era bastante larga para permittir observar o que se passava do outro lado.

No meio d'uma vasta sala um pouco menos arruinada que o resto do edificio, e illuminada por um immenso lustre, estava uma meza redonda, vergando ao pezo dos manjares e dos vinhos.

Oito homens extravagantemente vestidos estavam em redor da meza, estendidos em ricos sophás, e o coração das duas cegonhas bateu apressado, ao reconhecer entre elles, o fingido negociante que lhes tinha vendido o pó magico.

O festim durou largas horas; a noite estava prestes a findar, e os pobres encantados não tinham ouvido ainda nada que lhes dissesse respeito. Começavam a desesperar-se.

A metade dos convivas dormia e a outra metade, farta de comer e de beber, parecia disposta a fazer o mesmo, quando o visinho do falso negociante, acotovelando-o, disse:

—Olé, Kaschnur, em vez de estares para ahi a cabecear conta-nos as tuas ultimas proezas, para nos divertir.

Este sem mais se fazer rogar, desfiou um rosario de infamias, entre as quaes a historia do califa e do gran-vizir.

—E que diabo de palavra lhe disseste? perguntou ao magico, o interlocutor.

—Um palavrão latino, respondeu elle soltando uma gargalhada, e que não é facil de reter na memoria: Mutabor...

V

Ebrios de alegria por terem conseguido ouvir a desejada palavra, as cegonhas precipita-

ram-se para a sahida das ruinas com tal rapidez que a coruja tinha custo em seguil-as.

Comtudo o califa, voltando-se para ella, logo que os alcançou, disse-lhe com voz commovida:

—Coruja generosa que nos salvaste, recebe a minha mão como testemunho de eterno reconhecimento pelo serviço que nos prestaste.

E ao mesmo tempo califa e vizir se voltaram para o lado do Oriente.

Trez vezes o seu longo pescoço de cegonha se inclinou para o sol cujos raios principiavam a avermelhar o cume das montanhas. Emfim o famoso Mutabor lhes sahiu do bico e de cegonhas volveram-se em homens. Incapazes de fallar, tanta era a alegria d'ambos, o califa e o vizir contemplavam-se como maravilhados, acabando por cahir um nos braços do outro.

Mas quem poderia descrever a sua admiração, quando ao olhar em redor, viram uma formosissima joven magnificamente vestida. Ella estendeu, sorrindo, a mão do vizir.

—Reconhece a sua pobre coruja?

Ella era tão bella que o califa maravilhado não pôde deixar de exclamar, cahindo de joelhos, que considerava como a maior ventura, ter sido cegonha, pois que a essa metamorphose devia a felicidade de a ter conhecido.

O regresso do califa a Bagdad, em companhia do bom Manzur, foi saudado pelo povo com acclamações unanimes e cordeaes. Mas todos esses testemunhos de affecto, inflammavam mais o odio de Chasid e o do seu vizir contra Mizra.

Dirigiram-se pois apressadamente ao palacio e mandaram prender o velho feiticeiro e seu filho.

Por ordem do califa, o velho foi conduzido ás ruinas onde exilara a coruja, e enforcado no cimo da mais alta torre. Quanto ao filho que nada tinha com as façanhas diabolicas do pae o califa deixou-lhe á escolha morrer ou tomar uma pitada na celebre caixa que os leitores conhecem.

—Toma? disse o vizir com o ar mais comico do mundo, apresentando-lhe a caixa em quanto que do outro lado estava um escravo, de sabre desembainhado, prompto a ferir ao menor signal.

Mizra apressou-se a metter os dedos na caixa magica. Uma boa pitada acompanhada d'um Mutabor bem accentuado, fez d'elle uma soberba cegonha; e o pobre animal, encerrado n'uma espaçosa gaiola foi transportado para os jardins do califa onde serviu durante muito tempo, de diversão aos ociosos de Bagdad.

Chasid e a princeza sua mulher, viveram juntos longos e felizes dias; mas os momentos mais divertidos do califa eram sempre aquelles em que o vizir o ia vêr, á tarde.

Acontecia-lhes muitas vezes, relembrar a sua aventura, e quando o califa estava de bom humor, divertia-se em arreliar o gran-vizir imitando o seu andar de cegonha. Com o pescoço estendido, as pernas tesas, caminhava na sala, meneando-se com garbo; depois copiava a pantomima desesperada do pobre vizir, quando elle inutilmente inclinado para o oriente, se estafava a berrar: Mu... Mu... Mu...

Esta facecia era sempre um divertimento novo para a mulher do califa e seus filhos. Mas Chasid, passeava, inclinava-se e berrava de mais Mu... Mu... Mu... e afinal o gran-vizir despeitado com a ridicula figura que lhe attribuia o califa, ameaçava-o de revelar á princeza a questão que houvera entre elles a respeito de quem despozaria a pobre coruja.

O califa parava logo, mas não deixava de continuar no dia seguinte, a despeito das ameaças do gran-vizir, ameaças que o bom Manzur nunca chegou a realisar.

FIM.

TYP.=Cruz Coutinho.=Rua dos Caldeireiros, 18 e 20.